



MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE

BORGES, AUTOR DAS MIL E UMA NOITES

O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES FOI OBJETO DE UMA LONGA HISTÓRIA DE TRAPAÇAS E FALSIFICAÇÕES INCORPORADAS POR BORGES NA CRIAÇÃO DE UM UNIVERSO DE ESTRANHAMENTO EM QUE TRIUNFAM AS OPERAÇÕES PURAMENTE LITERÁRIAS E A INSTABILIDADE FILOLÓGICA

Sabe-se – até porque ele mesmo não se cansava de ressaltar o fato, e as constantes referências em sua obra aí estão para comprová-lo – que Borges tinha a cultura árabe-islâmica em alto apreço. E, nesse ponto, o *Livro das mil e uma noites* requer atenção especial: para além das numerosas citações distribuídas ao longo de sua obra, o escritor argentino ocupou-se especificamente desse livro em dois ensaios: “Os tradutores das 1001 noites” (composto, na origem, de dois artigos escritos na década de 30 para a *Revista Multicolor dos Sábados*, mais tarde incluídos em *História da eternidade*), e “As Mil e uma Noites” (uma das sete palestras proferidas por ele em 1977 e reunidas em livro em 1980, sob o título de *Sete noites*). São, como quase tudo o que Borges escreveu, brilhantes e sugestivos, mas muita vez impróprios ou inexatos – características que, de todo modo, não são defeitos, pois não se escreveram para orientistas; o perfil de seu público é bem outro: especialistas, efetivos ou pretensos, em literatura, dos quais ninguém teria a imprudência de exigir o conhecimento prévio dos catorze volumes do afamado compêndio de retórica *A manhã do cego*, de al-Qalqashandi, letrado notável, mas um pouco prolixo, e não inteiramente infenso a certa tendência conservadora das letras árabes.

Nada disso: o efeito buscado pelo autor das *Ficções* é de outra feição. Como notou a pesquisadora argentina Annick Louis em *Jorge Luis Borges: Obra e manobras*, “no caso das *Mil e uma noites*, trata-se da incorporação dessa obra a toda a literatura ocidental, [constituindo] tanto uma reflexão sobre a tradução como uma análise sobre o devir e a história de sua incorporação”. Pode-se acrescentar que, mais do que simples análise ou reflexão, esses ensaios sobre as *Mil e uma noites* são eles mesmos parte desse processo de apropriação, quem sabe uma contribuição decisiva.

No final do ensaio de *Sete noites*, Borges observou que “As mil e uma noites não são uma coisa morta. Trata-se de um livro tão

vasto que nem é preciso lê-lo”; em um de seus prólogos – mais precisamente o prólogo de 1946 às *Novelas exemplares*, de Cervantes –, Borges já fizera alusão à “nossa congestionada recordação do *Livro das mil e uma noites*”. Com sutileza exemplar, essas expressões emblemáticas subtraem toda a especificidade “árabe”, diga-se assim, do livro – a qual, aliás, existe –, tornando-o mero objeto do “jogo literário” no Ocidente, fato que introduz Borges na linhagem vagamente espectral composta pelos letrados Denis Chavis (Diunisius Shawish), Mikhail al-Sabbagh e Murdakhay (ou Murad) Ibn al-Najjar, figuras que ele talvez tivesse gostado de inventar. Cada qual a sua maneira, e certamente na esteira de Antoine Galland, essas pessoas contribuíram para tornar ainda mais congestionada a nossa recordação do *Livro das mil e uma noites* – que não foi elaborado para ser objeto de investigação e deleite ocidentais; a partir de certo instante, porém, pareceu que a sua finalidade precípua seria exclusivamente essa.

Embora soe estranho falar dessa maneira, e ainda mais estranho aproximar Borges daquele trio de falsificadores, deve-se notar que o que varia é sobretudo a intenção: al-Najjar, Chavis e al-Sabbagh procuraram deliberadamente falsificar, se o termo cabe, as *Mil e uma noites*, forjando um novo *corpus* que, de um modo ou outro, foi incorporado ao texto. Borges, não menos deliberadamente, tornou-o objeto de suas preocupações e predileções típicas (as quais provocavam em Estela Canto “a impressão de uma deficiência humana”): o estranho, o indeterminado, o aparentemente ilógico, o estritamente literário, enfim; mesmo suas observações mais caracteristicamente “orientistas” (no sentido especializado) seguem essa linha – e tudo o que ele fez também foi incorporado ao cânone interpretativo da obra, inclusive no Mundo Árabe, quando menos para demonstrar, como o faz o tunisiano Muhsin Jassim Ali num ensaio de notórias

cores barthesianas, que “as *Mil e uma noites* constituem a essência da *opera aperta*”, sem contar, é claro, a irrupção de um compreensível ufanismo (o gosto de Borges, afinal, é cifra de perfeição).

Letrado embora judeu-tunisiano – a concessiva é mero plágio, não se encontrando em enciclopédia alguma –, al-Najjar contribuiu (e neste ponto é preciso fazer justiça: associado ao professor Maximilien Habicht) com uma farsa, o “manuscrito tunisiano” utilizado como base para a edição em árabe das *Noites* publicada em Breslau, Alemanha, entre 1824 e 1843. Enganou, entre outros, o conhecido arabista Helmut Fleisher (não há, e parece que nunca houve, manuscrito algum tunisiano das *Mil e uma noites*; no Ocidente Árabe, circularam mais as *Cento e uma noites*). Mas o que seria das *Noites* sem essa, por assim dizer, legitimação européia? Ainda hoje, há quem imagine ser a edição de Breslau, envolta em brumas quase legendárias, a melhor de quantas existem.

“Discípulo da Escola de Santo Inácio na grandiosa Roma e professor de árabe na biblioteca do sultão rei da França na grandiosa Paris”, como ele orgulhosamente se apresentava, o padre sírio Chavis forjou, com sua própria letra, um “novo” texto das *Noites*, suposta continuação do que Galland teria deixado de traduzir. É bem verdade que ele se limitou a compilar em árabe, ou traduzir para essa língua, textos de fontes diversas, mas e daí? Já tendo levado na lábia o Barão de Breteuil, que confiava em seus discutíveis dotes de arabista, Chavis conseguiu convencer o escritor Jacques Cazotte a dividir consigo os encargos da tradução. Dessa inesperada parceria resultou uma pequena obra-prima da literatura francesa, o *Suplemento das mil e uma noites* (de Galland, *ça va sans dire*), publicado em Genebra em quatro volumes entre 1788 e 1789, cujo texto final é de exclusiva responsabilidade de Cazotte, uma vez que Chavis era prolificamente semi-analfabeto nas três ou



quatro línguas que conhecia, inclusive o árabe. Mas não existe, sempre reposta, a idéia de que Galland não realizou uma tradução "integral" das *Noites*?

Cristão nascido na aldeia libanesa de Shuayr e entusiasta da invasão napoleônica do Egito, al-Sabbagh falsificou um manuscrito inteiro, que até hoje muitos levam a sério como "manuscrito de Bagdá". Faz-se mister, sem dúvida, enaltecê-lo a inteligência, pois sua invenção iludiu estudiosos do porte de Zotenberg e MacDonald: al-Sabbagh teve o requinte de inventar "anotações de leitura", à margem do códice, nas quais, com inegável senso de oportunidade, registrou critérios de recepção e transmissão pouco mais ou menos verossímeis. Era só o que faltava: na extensíssima relação de manuscritos das *Noites*, não restara um sequer que fosse de seu presumível berço, Bagdá, cidade ali tão citada. Al-Sabbagh (que de Bagdá conhecia apenas o nome) veio preencher essa lacuna, merecendo por isso a gratidão de leitores e estudiosos. Suas reconfortantes falsificações contêm preciosismos do seguinte jaez: "louvores a Alá e só a Ele; lido pelo xeque Mustafa al-Majduba na cidade de Bagdá, na escola de Shatibbiya, às margens do rio Tigre". Outra falsificação digna de todo crédito é a "História de Aladim" e a lâmpada maravilhosa", a qual, originalmente redigida em francês por Galland, não poderia ter "original" árabe, fato que perturbava vivamente os estudiosos. No final do século XVIII, o padre Chavis a havia traduzido ao árabe a partir do texto de Galland, declarando a seguir que encontrara o "original"; seu texto árabe, porém, era tão ruim que quase ninguém acreditou. Foi preciso que al-Sabbagh, no início do século seguinte, perpetrasse tal façanha: ele retocou o texto de Chavis, eliminando grosseiros erros de redação e anacronismos, e então as reservas se dissiparam. Recentemente, o pífio René Khawam (re)traduziu-a ao francês, declarando que Galland não havia traduzido

corretamente o "original árabe". Por mais estimulantes que sejam seus frutos hoje em dia, as motivações de al-Sabbagh não eram somente literárias; o filólogo iraquiano Muhsin Mahdi, que desmontou o mito do "manuscrito de Bagdá" no prefácio de sua edição crítica das *Noites*, não tem dúvidas: além de rir nas barbas dos orientistas seus contemporâneos, al-Sabbagh acalentou, eventualmente, o compreensível desejo de surrupiar-lhes algum dinheiro.

Borges é um membro ao mesmo tempo distinto e discreto dessa linhagem. Ao contrário dos outros três, ninguém jamais haverá de censurá-lo, pois suas invenções não almejam o caráter de positividade absoluta, e nenhum especialista ousaria citá-lo em invisíveis pesquisas filológicas: a valorização por ele operada goza de outro estatuto, que alguém, porventura ele próprio, poderia chamar de estético; às trapaças de intenção inicialmente filológica dos outros, ele contrapõe a literatura, ou, como diria Foucault, a "intransitividade radical" de "uma pura linguagem tornada, em seu ser e sua função, enigmática". Em seu sentido moderno, a literatura é uma espécie de insurreição contra a filologia; no caso das *Noites*, foi a própria "instabilidade filológica" do texto que o instalou no pedestal literário que ora ocupa.

De outro lado, as invenções de Borges são relativamente poucas; sua atenção dirige-se, conforme destaca Annick Louis, para o texto das *Noites* tal como apropriado pelo Ocidente, ou seja, para a qualidade literária da tradução: assim, as *Noites* "árabes" só poderiam interessá-lo, um tanto ou quanto obliquamente, como fonte de inspiração (basta ler suas restrições à impertinente fidelidade do tradutor alemão Enno Litmann, ou então o elogio a Cansinos Assens em *Perfis*, e também observar o curioso paralelismo entre o texto sobre "As versões homéricas", em *Discussão*, e o texto sobre os tradutores das *Noites*). Borges sabia, como observa Edward Said em relação a Richard

Burton, que estar inserido numa cultura qualquer consiste em saber determinadas coisas de determinada maneira; o que o interessava não eram as coisas propriamente ditas, mas a maneira, ou, melhor dizendo, aquilo que, nessa maneira, pudesse criar um efeito literário de estranhamento. Fora disso, seu interesse, por uma óbvia incompatibilidade, se esvairia como a imagem final do conto "A busca de Avernois", de *O Aleph*. Como compensação, não deixa de ser comovente saber que Borges, no final da vida, contratou um professor exclusivamente para ler-lhe as *Noites* em árabe; em seguida, procedia-se à leitura em alguma língua ocidental e finalmente à comparação entre os textos. Não fosse ele próprio o envolvido, Borges teria escrito (se é que não escreveu) contos primorosos a respeito desse inusitado comportamento.

Os comentários borgianos às *Noites* e suas traduções são magníficos, embora vez por outra discutíveis. Seria nimamente ridículo (e antiborgiano) imputá-los como "incorretos", numa incongruência análoga à do anacoreta afegão Mustafa Cherouja, o qual, após ler as *Noites*, pretendeu iniciar uma lista com dados do enredo que "contrariam a experiência real": "quando aprisionados no interior de uma garrafa", comentou ele com candura, "os gênios (*jinnis*) ordinariamente perdem toda a noção do tempo". A lista seguinte não aspira à exaustão, e muito menos expor o autor à triste sina do supracitado anacoreta, mas vá lá: o "Barbarian-land" da tradução de Burton é etimologicamente correto; o pescador jamais lançou sua rede a "algum mar" (e aqui houve o indolente prazer de consultar as traduções de Galland e Cansinos Assens, a versão espanhola da tradução de Burton e as brasileiras das traduções de Mardrus e Khawam, além do rico aparato da edição crítica de Muhsin Mahdi; nada: essa espécie de indeterminação não é característica das *Noites*); não existe nenhum "antigo texto persa" sobre os



confabulatores nocturni de Alexandre Magno (na realidade, é um texto árabe, e não tão antigo assim); o gênio não fez a insípida promessa de ensinar o canto dos pássaros a quem o libertasse; o árabe de Cansinos Assens serviria quando muito para uma conversa de bazar (seu prefácio à tradução das *Noites* é excelente, mas as partes sobre língua árabe constituem franca excrescência: não servem para quem desconhece o árabe, e são de imediato reconhecidas como improcedentes por quem quer que tenha um conhecimento mínimo desse idioma); os “heróis dos impudores” das *Noites* nem sempre são velhacos, mendigos ou eunucos (sucede, por mais de uma vez, serem reis e rainhas); mesmo sem Mardrus, e de forma diferente da dele, Shahrazad pode, ocasionalmente, narrar por reações mútuas; não é por sentirem a infinitude do livro que os árabes dizem que ninguém pode ler as *Noites* até o fim (segundo informa Mahmoud Tarchouna, o que a lenda reza, com efeito, é que sobrevirá ao leitor uma grande desgraça no ano em que terminar a leitura: o raciocínio é mágico, e não metafísico); e, enfim, existe mais de uma descrição do desventurado fornicador que a esposa de Shahzaman recebe em seu leito logo no começo do texto: alguns manuscritos (os mais antigos) referem “um rapaz da cozinha”; outros, “um negro escravo”; no concorrido manuscrito do médico e naturalista inglês Patrick Russel, que Burton evidentemente pôde consultar, descreve-se um “cozinheiro de aspecto tisonado pela sujeira”. Com a erudição que lhe era peculiar, Burton deve ter fundido todos esses elementos em sua tradução.

A acanhada recensão acima prescinde de outro objetivo que não seja o de demonstrar a absoluta pertinência dessas invenções. Todas elas, numa medida ou noutra, independem do original a que se referem, assim como independem da *Odisséia* os versos “Dizem que Ulisses, farto de prodígios/ chorou de amor ao divisar sua Ítaca”. Quando Estela

Canto lhe advertiu que, em seu retorno, Ulisses não divisara Ítaca, Borges apenas retrucou que isso “não tinha importância”. Os (des)caminhos do congestionamento na memória são insondáveis, e Borges tinha perfeita consciência de que, nesse caso, palmilhava um terreno desde sempre propício: não existe “o” *Livro das mil e uma noites*, mas sim muitos livros sob essa designação. Os manuscritos mais antigos de que se dispõe hoje em dia, e que não chegam a trezentas noites, remontam a um arquétipo do século XIII e nada têm que ver com a estrutura antiga do livro (ou ao menos o que se pode inferir dela a partir das indicações colhidas no historiador al-Mas’udi e no livreiro Ibn al-Nadim, ambos do século X, e nas precárias dezesseis linhas descobertas em 1949 pela pesquisadora Nabia Abbott em meio de uma resma de papiros árabes do século IX). A partir de certo instante, ele foi reelaborado, correndo-se novamente outras estruturas. Depois da tradução de Antoine Galland, publicada entre 1704 e 1717, os textos sofreram novas deformações e modificações. O já citado Patrick Russel, que dispunha de um manuscrito muito valorizado das *Noites*, registrou que as diversas pessoas que lhe pediam para copiá-lo “não se abstêm de resumir suas descrições, de trocar palavras e acrescentar expressões ornamentais, conforme lhes dita a imaginação; essa fuga das regras de transcrição não ocorre com as cópias cujo assunto é sério, pois estas são sempre comparadas e corrigidas com exatidão”. Já no final do século XVIII, a confusão era enorme: em 1798, frustrado após constatar que as profundas discrepâncias entre os vários manuscritos das *Noites* impediam-no de fazer uma tradução “respeitável”, Jonathan Scott escreveu que tais histórias “parecem pérolas desordenadamente colocadas num fio por si só desordenado. Apesar disso, caso elas sejam realmente orientais, não importa a nós, europeus, que elas se localizem nesta ou naquela noite”. Não resta dúvida de

que a posteridade nunca será suficientemente grata aos anônimos e inadvertidos escribas que “adulteraram” as *Noites* em incontáveis cópias, ajudando a inventar esse escorregadio objeto que hoje é chamado de literatura.

Nalgum ponto de sua obra ainda não escrita, Milton Hatoum observa que o mais instigante registro borgiano a respeito das *Mil e uma noites* é também uma invenção. Trata-se do seguinte passo: “não é assombroso que na noite 602 o rei Shahriar ouça da boca da rainha sua própria história?” Nem em tal noite, como Milton se certificou, nem em nenhuma outra Shahrazad se atreveria a zombar do rei contando-lhe tão descaradamente a “sua própria história”; ademais, uma Shahrazad sem Borges, de novo parodiado, não se utilizaria dessa forma de metalinguagem, que ela, por sinal, desconhecia. Italo Calvino, a quem tampouco o fato passara despercebido, enxergou aí um jogo de espelhos: Shahrazad conta a Shahriar uma história na qual Shahrazad conta a Shahriar uma história etc. etc. Não menos interessante nessa história toda é que, “por uma mágica distração do copista”, alguns manuscritos fazem coincidir o nome do rei com o nome de algum outro rei narrado pela rainha. Essas sugestivas coincidências já deveriam ter inspirado alguém a produzir uma ficção mais duradoura a respeito.

E, a propósito das desgraças que sobrevêm aos leitores das *Noites*, reitere-se que nenhuma das personagens aqui citadas teve um destino muito feliz; tais destinos não devem ser desdenhados pelo fato de milhares terem lidado com as *Noites* sem sofrer sequer um arranhão: a exceção situa-se nesses milhares. Ignora-se que fim levou o judeu-tunisianiano embora letrado al-Najjar, mas a reputação póstuma de seu parceiro Maximilien Habicht foi impiedosamente arruinada por Duncan MacDonald, que denunciou a fraude. Denis Chavis foi expulso da França depois da Revolução, e

não deixa de ser patético imaginá-lo exibindo suas credenciais obtidas junto ao "sultão rei da França" a jacobinos enfurecidos; ainda assim, sua sorte foi menos cruel que a de Cazotte, guilhotinado em 1792 enquanto berrava a plenos pulmões: "morro como vivi, fiel a meu Deus e a meu Rei". Al-Sabbagh morreu, na mais deplorável miséria, em Paris. Anos mais tarde, em Calcutá, o comandante inglês William H. Macnaghten, que não havia entrado nesta história, empreendeu a publicação da quarta edição em árabe das *Noites*. O primeiro tomo veio a lume em 1839, e o quarto em 1842, mas Macnaghten ("Secretário do Estado Inglês nos Reinos da Índia", conforme se lê numa das páginas de rosto) não pôde vê-lo impresso: durante uma rebelião em 1841, os pundjabis deceparam-lhe a cabeça, ocorrendo-lhes a seguir o medonho capricho de pendurá-la num gancho de açougue. Ainda que isso pareça pouco mileumanoitesco, semelhante contra-tempo impediu-o de desfrutar o pequeno sucesso de sua edição "completa e completada", de irradiante prestígio entre tradutores e estudiosos (a edição de Macnaghten, retocada por um grupo no qual se contava um dervixe "muito letrado", não é menos espúria, diga-se assim, que a de Breslau). Quanto a Borges, a biografia de Estela Canto menciona um acidente, uma pancada na cabeça, entre cujas conseqüências pode vislumbrar-se o aceleração do processo de cegueira do escritor. Conquanto a biógrafa não decline o motivo da pancada, corre a lenda de que ela se deveu às *Mil e uma noites*: tendo sido avisado de que o correio acabara de entregar uma nova tradução desse livro, Borges acorreu sofregamente e bateu a cabeça no batente da janela. A impossibilidade de localizar qualquer registro escrito dessa ocorrência tão borgiana não passa de mero detalhe que ninguém, decerto, lamentará. ■

Mamede Mustafa Jarouche
professor de língua e literatura árabe na USP

